

Tem gol pelo Brasil!!!... História dos pioneiros do Plantão Esportivo em Natal/RN¹

Ciro José Peixoto PEDROZA²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN

Kolberg Luna Freire LIMA³
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN

Resumo

A função de Plantão Esportivo, profissional que participa das jornadas esportivas desde o estúdio da emissora, informando sobre os resultados dos jogos em andamento em outras praças, existe desde muito antes de seu reconhecimento e sua incorporação nas equipes de esportes mantidas pelas emissoras brasileiras. Ainda são poucas as referências sobre essa função na literatura dedicada ao Radiojornalismo Esportivo. O presente artigo tem o objetivo de resgatar a memória dos primeiros plantões esportivos de Natal/RN: Ferreira Lima (1936-...), da Rádio Nordeste e Horácio Pedroza (1938-2018), da Rádio Poti, a partir de pesquisa documental em jornais da época e documentos, complementada com entrevistas em profundidade com os pesquisados.

Palavras-chave: História da Mídia Sonora; História do Radiojornalismo Esportivo; Plantão Esportivo; Natal/RN

Abrem-se as cortinas, começa o espetáculo!...

Durante o período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, a partir de 1941, a paisagem urbana de Natal passou por mudanças profundas com a instalação de bases militares, campos de pouso, pavimentação de ruas, avenidas e estradas, a construção de edifícios e vilas militares para abrigar as tropas estrangeiras e brasileiras que se instalaram na cidade, além de obras de infraestrutura necessárias para apoiar as diversas atividades militares realizadas na capital do Rio Grande do Norte durante a guerra (CORDEIRO, 2021). Da “Cidade Trampolim da Vitória” partiram milhares de soldados americanos rumo ao front de batalha na África e quando o conflito mundial acabou e as tropas norte-americanas foram embora, Natal herdou mais de 700 prédios, que passaram a ser ocupados por militares

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Sonora, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutor em Estudos da Linguagem (UFRN). Mestre em Jornalismo (ECA-USP). Especialista em Telejornalismo (ECA-USP/TV Globo-São Paulo). Jornalista e radialista, pesquisador do GT de Mídia Sonora da INTERCOM e da Rede ALCAR. E-mail: ciropedroza@uol.com.br.

³ Jornalista e advogado (UFRN). Pesquisador da memória do esporte. Publicou *45: Um tempo de futebol e de um poema* (2018). E-mail: kflima@gmail.com

brasileiros das três Forças, vindos de todas as regiões do país, a partir do final da década de 1950 e início dos anos 1960.

Essa nova legião estrangeira cumpria, geralmente, períodos de um ano de atividade em Natal e sua convivência com os moradores era pouca, visto que esses militares limitavam seu cotidiano ao trabalho nos quartéis e às atividades sociais nas vilas e clubes militares. Muitos deles eram torcedores apaixonados dos times de sua terra de origem e tentavam acompanhar o desempenho de seus clubes telefonando para as emissoras de rádio da cidade, nas noites de domingo, a fim de obter alguma notícia sobre o placar dos jogos. É dessa demanda que nasce a função de plantão esportivo no rádio natalense. O presente artigo visa resgatar a memória de dois pioneiros nessa função, Ferreira Lima e Horácio Pedroza.

Para realizar a reconstituição histórica que contextualiza o presente artigo, trabalhamos com RIBEIRO (2007), RANGEL e GUERRA (2012), FERRARETTO (2014), ADAMI, (2014) e BRAGA (2002) e para analisar, especificamente a atividade de Plantão Esportivo, recorreremos a um dos poucos estudos dedicados ao tema realizado por PÉRICO (1999). Os primeiros tempos do rádio em Natal e das transmissões esportivas no rádio natalense, nos valem de GOMES e RODRIGUES (2016) e FURTADO (2010). Complementamos, ainda, as informações bibliográficas realizamos entrevista com o Ferreira Lima (2015) procedemos a leitura do depoimento de Horário Pedroza sobre seu início na atividade de Plantão Esportivo, em manuscrito inédito (*Memórias de um menino da Bica da Telha*) e no acervo jornal Diário de Natal.

O Plantão nas transmissões esportivas

As primeiras transmissões de partidas de futebol realizadas na terra natal do futebol, a Inglaterra dos anos 1920, foram cercadas pela polêmica. Murray (2000) aponta como primeiro registro de um jogo transmitido pelo rádio inglês uma partida entre Arsenal e Sheffield United, realizada em 22 de janeiro de 1927, mas logo a novidade foi proibida pelos dirigentes dos clubes e da Liga inglesa de futebol que temiam que o esvaziamento dos estádios.

Na realidade, o público do futebol aumentou, já que milhares de pessoas agora acompanhavam as transmissões dos jogos a que não podiam assistir. Os cegos e os doentes hospitalizados e até os moradores das remotas regiões rurais podiam escutar as partidas no rádio. (MURRAY, 2000, p. 101)

Antes disso, garante Tota (1990: 44), a Rádio Educadora de São Paulo transmitiu, numa tarde de abril de 1925, “os resultados dos jogos de futebol da capital, interior e

estrangeiro". Em 1927, a Rádio Cruzeiro do Sul de São Paulo já transmitia programas esportivos (SOUSA, 2005), mas foi a partir do incentivo do presidente Getúlio Vargas para a organização dos times e a difusão do futebol como esporte símbolo do Brasil que

os donos das poucas rádios existentes no Brasil resolveram investir no esporte a partir de informações enviadas por telefone pelos repórteres da emissora, em vez de apenas noticiar os resultados das partidas durante a programação, como fizeram até 1931. (RIBEIRO, 2017, p. 75)

No Rio de Janeiro, Amador Santos realizou as primeiras transmissões de jogos de futebol pela Rádio Club do Brasil a partir de 1928, enfrentando a mesma resistência que seus colegas ingleses. Segundo Braga,

a incompreensão dos dirigentes, principalmente, do Vasco da Gama, Fluminense e Botafogo, dificultaram ao máximo a irradiação dos jogos. Procuravam de todas as formas impedir a entrada nos estádios de São Januário, Laranjeiras e General Severiano, do locutor esportivo, a ponto de Amador Santos se ver obrigado a irradiar os jogos trepado em árvore, de cima do telhado de casa vizinha ao estádio e, de certa feita, até de um galinheiro. [...] Com o passar do tempo, ficou provado que ao invés de diminuir a renda, as transmissões ajudavam a aumentá-la." (2002, p. 111-112).

Em São Paulo, coube a Nicolau Tuma (*o speaker metralhadora*), a primazia na transmissão de jogos de futebol pelo rádio. Na tarde de 19 de julho de 1931, o ainda estudante de Direito de apenas 20 anos, narrou para os ouvintes da Rádio Educadora Paulista (ADAMI, 2014) as emoções do confronto entre as seleções de São Paulo e Paraná, que foi vencida pelos paulistas (6x4). Do meio dos torcedores que se acotovelavam no hoje extinto estádio da Floresta, na região central de São Paulo, Tuma teve a felicidade de narrar dez gols (RIBEIRO, 2017).

Depois desse feito pioneiro, Tuma foi contratado pela Rádio Record, comandada por Paulo Machado de Carvalho. Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, segundo Ribeiro (2017), as transmissões esportivas foram suspensas nas emissoras paulistas e somente após o fim do movimento, sufocado pelo governo de Getúlio Vargas, foi que as rádios paulistanas passaram a retomar seus investimentos e, diante da popularização do futebol e da profissionalização dos atletas, sob as novas regras estabelecidas pela recém criada Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), havia um campo aberto para a expansão da cobertura esportiva nas rádios brasileiras.

No início da década de 1930, a Record passou a inserir em sua programação dominical notícias sobre os resultados das partidas em andamento, apresentadas por José Augusto Siqueira, que lia as informações sobre o andamento dos jogos repassadas, por telefone, pelos repórteres da numa espécie de pré-história do plantão esportivo (FARIA, 1997). A função só foi criada em 1948, pela Rádio Jovem Panamericana, autodenominada "a emissora dos

esportes”, com Narciso Vernizzi, considerado “o pai do plantão esportivo” (PRADO, 2012), acompanhando outros jogos, por meio de vários aparelhos de rádio, para informar os resultados durante a transmissão (FARIA, 1997), até 1974, quando passou a se dedicar apenas à previsão do tempo e passou o plantão para Milton Neves (FARIA, 2002).

O impulso que faltava para a consolidação das transmissões das partidas de futebol na programação das emissoras veio com a Copa do Mundo da França em 1938. Mais uma vez, o entusiasmado Amador Santos viabilizou a transmissão direto de Paris, patrocinada pelo Cassino da Urca. Quis o destino que Amador, porém, que falecesse em 1937 (BRAGA, 2002), sendo substituído por Gagliano Neto, que narrou os jogos do Brasil para a cadeia Byington, formada pela Rádio Club do Brasil, do Rio de Janeiro, Cosmo e Cruzeiro do Sul de São Paulo (SOARES, 1994), cuja “transmissão do rádio mexeu com a alma brasileira” (MOSTARO, 2012, p.25). Apesar da boa campanha, o Brasil perdeu a Copa para a Itália e “as manchetes em todos os jornais no dia seguinte seguiam o que o rádio afirmara: perdemos para o juiz” (MOSTARO, 2012, p.26).

Na medida em que as inovações tecnológicas no campo da eletrônica melhoravam a qualidade das transmissões radiofônicas, o esporte foi conquistando mais espaço na programação das emissoras e na vida dos ouvintes brasileiros. Ao longo dos anos, as transmissões se estabeleceram “não apenas como um dos pontos fortes da audiência, mas inclusive por isso, como uma das portas principais de ingresso da receita financeira para as emissoras” (BRUCK, 2012, p. 32) e a realização da Copa Mundo de 1950 no Brasil atraiu a atenção de outras emissoras que não transmitiam futebol. Nessa década, o rádio brasileiro vivia sua Era de Ouro e, apesar da derrota para o Uruguai diante do Maracanã lotado, na final, o radiojornalismo esportivo brasileiro consolidou-se de vez.

A partir dos anos 1960, a programação das tardes de domingo da maioria das emissoras do país era dedicada às transmissões esportivas. As jornadas esportivas começavam antes da partida, com a expectativa das demais partidas agendadas, e continuava depois, ao final da transmissão, com o anúncio dos resultados e detalhes dos jogos de outras praças. (COSTA, 2016) Outra novidade introduzida nas transmissões esportivas, nesse período, foi o uso de sinais sonoros e vinhetas para realçar momentos importantes da transmissão e a figura do plantão esportivo, responsável pela “leitura de resultados de outras partidas, que precedeu as próprias transmissões na íntegra e a elas foi incorporada” (COSTA, 2016, p. 18). Para trabalhar como plantão esportivo, observam Barbeiro e Rangel (2006), era preciso gostar de esportes e ter uma bela voz.

A partir de 1961, o gaúcho Antonio Augusto estabeleceu uma nova rotina para o trabalho do plantão esportivo, informando não apenas os resultados de momento ou os resultados finais das partidas em curso, porém arquivando as informações em um banco de dados para alimentar de informações complementares a jornada esportiva (PÉRICO, 1999). Por definição, o Plantão Esportivo é

o profissional que, escudado em um arquivo atualizado e no trabalho de radioescutas e de produtores, dá informações adicionais a respeito do que acontece durante uma transmissão esportiva. Assim, a ele cabe situar o ouvinte, fornecendo detalhes a respeito da campanha de uma agremiação ou de um atleta, além de noticiar resultados paralelos ao evento narrado. (FERRARETTO, 2014, p. 16)

A atuação dos plantões esportivos ganhou mais relevância a partir de 1970, quando milhões de brasileiros passaram a acompanhar, de cartela na mão, os resultados dos treze jogos semanais da Loteria Esportiva criada pela Caixa Econômica Federal. Quando a *loteca* trazia entre seus jogos partidas disputadas em estados do Norte e do Centro Oeste, cujo fuso horário era diferente, os plantões eram obrigados a, não apenas, aguardar o final desses jogos, como, também, a ficar repassando todos os resultados da rodada por inúmeras vezes por, pelo menos, uma hora a mais, até a chegada do resultado final da partida disputada no campeonato amazonense ou mato-grossense. A loteca perdeu sua importância e saiu de cena após a revelação feita pela revista Placar (1982) de um esquema envolvendo dezenas de pessoas, que manipulava os resultados das partidas (PÉRICO, 1999) e o plantão esportivo perdeu uma de suas maiores atrações.

O plantão esportivo nas transmissões de futebol em Natal

Apesar de algumas iniciativas isoladas de curiosos, como a dos funcionários da Companhia Melhoramento dos Portos, que chegaram até a colocar no ar uma emissora de rádio no centro de Natal, em 1938, logo fechada pelo diretor dos Correios e Telégrafos (SARAIVA, 1983), é com a instalação da Rádio Educadora de Natal (REN), em 1941, que começa a história do rádio no Rio Grande do Norte (GOMES e RODRIGUES, 2016), que já apresenta em sua estreia um programa dedicado à coberturas dos eventos esportivos, o Panorama Esportivo, apresentado por Francisco Lamas que, tempos depois, viria a se tornar o primeiro narrador esportivo do rádio potiguar (DIÁRIO DE NATAL, 1953).

Com a instalação da Rádio Nordeste, em 1954 (LIMA, 1984), o público desportista passou a dividir as atenções entre as transmissões da nova emissora e a pioneira REN, que

virou Rádio Poti, ao ser incorporada pelos Diários Associados, em 1944 (LIMA, 1984), que tinha no talento do jovem narrador Almeida Filho uma de suas grandes atrações. A Nordeste contra atacou com “a voz marcante com riqueza de expressões” de Manoel Fernandes (Leléu), que estava fora do rádio e foi trazido de volta após “repetidos dias de conversas e não foi nada fácil convencê-lo de retornar às lides esportivas” (FURTADO, 2010), mas no dia da estreia em um disputado clássico entre ABC x América, a atração da Nordeste de um branco e abandonou a transmissão sem qualquer explicação. Às pressas, a emissora trouxe de Pernambuco Ivan Lima, narrador que atuava na Rádio Olinda, que imprimiu um novo ritmo às coberturas esportivas em Natal.

Com a consolidação do rádio na capital do Rio Grande do Norte, a partir de 1960, graças à instalação de novas emissoras, a cobertura esportiva ganhou mais espaço na programação do rádio natalense e se deu uma disputa acirrada entre os profissionais, com a introdução de novos recursos técnicos, de linguagem e de formatos. Uma dessas inovações foi introduzida por Aluizio Menezes, narrador que trabalhava na Poti e fora contratado para substituir Ivan Lima na rádio Nordeste, em 1957: o plantão esportivo (LIMA, 2015). De olho na audiência de centenas de militares, de todas as fardas e patentes, que viviam na cidade servindo à Marinha, ao Exército e à Aeronáutica, a Nordeste passou a oferecer um serviço regular de informação sobre os jogos de fora do estado, durante e ao final das transmissões, bem como em programas diários de esportes (LIMA, 2015).

Para prestar esse novo serviço, ainda inédito nas rádios de Natal, Menezes convenceu Mirocem Ferreira Lima a trocar seu lugar cativo de repórter, à beira do gramado do estádio Juvenal Lamartine, pela nova função, no começo dos anos 1960. A inovação introduzida pela Nordeste logo foi copiada pela concorrente Rádio Poti, vinculada aos Diários Associados, cujo narrador e chefe do Departamento Esportivo da pioneira, Almeida Filho, destacou o discotecário Horácio Pedroza para atuar como plantão em sua equipe. Depois deles, uma a uma outras rádios foram incorporando a novidade em sua equipe de esportes.

Fala, Ferreira Lima!...

Em 1950, ainda com 14 anos, Mirocem Ferreira Lima começou a trabalhar como estafeta na *The Western Telegraph Company Limited*, onde conheceu o telegrafista Amaury Dantas, que

escrevia uma página de esportes no Jornal de Natal. Morador da rua Pereira Simões, em frente ao campo de futebol do bairro das Rocas, celeiro de muitos craques, Amaury pediu para que ele passasse a colher informações dos jogos amadores realizados ali, que eram publicados por Dantas. Assim, Mirocem iniciou sua vida de cronista esportivo (LIMA, 2015). A parceria deu tão certo que, pouco tempo depois, ele estava fazendo as vezes de repórter assinando um pequeno comentário escrito sobre os jogos, assumindo mais tarde a coluna Subúrbio em Foco, no Jornal de Natal, onde publicava os resultados e as notícias da fina flor do futebol suburbano da cidade.

Em 1957, com a chegada de Aluizio Menezes à Rádio Nordeste para ser o narrador, Amaury Dantas é destacado para ser o comentarista dos jogos e levou Mirocem para ser pista (repórter de campo). Ao se apresentar ao diretor artístico da emissora, Jaime Wanderley, Mirocem logo foi convencido a trocar o nome de batismo por "um nome artístico" e adotar os sobrenomes Ferreira Lima, nome que o acompanhou durante toda a sua trajetória no rádio, como recorda o plantão pioneiro (LIMA 2015).

Sabendo que o jovem repórter dominava o trabalho das telecomunicações na *Western*, Aluizio Menezes convenceu Ferreira Lima a assumir a função de plantonista, trocando a beira do gramado pelos bastidores, cumprindo a rotina de sintonizar as emissoras de outros estados para escutar os resultados dos jogos pelo Brasil e entrar no ar durante as transmissões e nas resenhas. Com o ouvido afiado por anos de experiência como radiotelegrafista, Ferreira Lima decifrava, com facilidade, os resultados dos jogos em andamento, apesar da estática do sinal analógico da faixa do AM, Ondas Curtas e Tropicais das emissoras de outros estados. Ferreira Lima recorda que

ficava no estúdio com três grandes rádios ouvindo e gravando a programação da Rádio Panamericana/SP, da Rádio Liberal/PA e da Rádio Clube de Pernambuco (PRA-8). Quando havia um resultado interessantes o técnico jogava a vinheta na transmissão e Amaury usava o bordão "Fala, Ferreira Lima!" e eu entrava dando o resultado. Ao término dos jogos, ficava até tarde da noite pegando todos os resultados para poder anunciar no programa do dia seguinte. (LIMA, 2015)

Ao final da jornada esportiva, Ferreira Lima datilografava todos os resultados e os detalhes das partidas da rodada para reapresentá-los durante o programa esportivo do dia seguinte. Aos domingos à noite, ele ainda participava de uma resenha realizada nos estúdios da Rádio Nordeste, que reunia desportistas, cronistas e dirigentes dos clubes num bate-papo que terminava, invariavelmente, entre suculentas porções de peixe frito ou cozido e muita cerveja gelada na tradicional Peixada da Comadre (LIMA, 2015). No final da noite, o jovem plantão

costumava voltar para casa de carona do colega cronista João Machado, presidente da Federação Norte-rio-grandense de Desportos (FND), a bordo do moderno Henry J, da Kaiser. Quando parava na frente de sua casa de Mirocem, no bairro das Rocas, Machado sempre observava que a luz da frente da casa ainda está acesa, sinal de que o pioneiro do plantão esportivo de Natal ainda não havia chegado. Ferreira Lima encerrou sua carreira de radialista em 1981 e passou a dedicar-se ao Direito.

Horácio Pedroza, o Professor dos Plantões⁴

A carreira do radialista Horácio Pedroza, que trabalhava como contabilista na prefeitura de Natal e era tradutor de notícias do Diário de Natal, começou em 22 de novembro de 1963, graças a uma tragédia. Naquela fatídica sexta-feira em que uma bala matou o presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, todas as atenções dos jornais e rádios do mundo se voltaram para a tragédia de Dallas. Justo nesse dia em que o trabalho dos tradutores de notícias⁵ seria mais exigido, dado ao volume imenso de telegramas das agências de notícias sobre o acontecimento que não parava de chegar à redação do matutino mais importante da cidade, Horácio resolveu faltar ao expediente para ir ao cinema com uma namorada.

Ao se apresentar no dia seguinte para trabalhar, sem saber nada sobre a tragédia que abalou o mundo, foi dispensado da função e encaminhado para posterior deliberação do diretor administrativo dos Diários Associados no Rio Grande do Norte, Silvino Sinedino de Oliveira. Ao tentar justificar sua falha, revelou o verdadeiro motivo de sua ausência ao chefe e recebeu a complacência dele, que considerou seu perfil ideal para uma função que estava vaga e o realocou na discoteca da Rádio Poti.

Sua admissão para a equipe de esportes da emissora, comandada por Almeida Filho, aconteceu quando a emissora associada resolveu introduzir o plantão esportivo em suas transmissões, novidade lançada pela concorrente Nordeste. O plantão esportivo da Poti já nasceu patrocinado pelo óleo Bardhall e Horácio ficava nos estúdios da emissora, em princípio, aos domingos à tarde e nas quartas à noite, ou quando houve jogos de futebol importantes pelo país. O trabalho do plantão consistia em

⁴ *Slogan* criado pelo narrador Roberto Machado, quando trabalharam juntos na Rádio Trairy, nos anos 1980.

⁵ O trabalho do tradutor consistia em receber as notícias encaminhadas pelas agências de notícias, escritas em código morse, e datilografá-las em forma de textos a serem encaminhados para a leitura e correção do editor.

ouvir rádios de outras cidades em busca de resultado de jogos e que também recebíamos muitas ligações telefônicas de outros plantões onde tocávamos resultados dos jogos. Fazer o trabalho e de escuta (rádio colado ao ouvido), estar atento ao chamado do estádio em busca de informações e fazer locução, precisávamos “tocar sete instrumentos” (PEDROZA s/d).

Com a consolidação do plantão esportivo da Poti, em 1963, Horácio convidou o jovem José Lira, seu colega de prefeitura e, também, apaixonado por futebol, para auxiliá-lo no trabalho de escuta durante as transmissões. Depois, devidamente treinado por HP, como era conhecido, José Lira⁶ passou a atuar como plantão. “Fazíamos um revezamento: um falava num dia, enquanto o outro ajudava na escuta. No outro dia, trocávamos de função e, por muito tempo formamos uma dupla infernal na radiofonia esportiva local” (PEDROZA, s/d). Um dos diferenciais que os plantonistas da Rádio Poti levavam em relação a seus concorrentes era a estrutura dos Diários Associados, que dispunha dos serviços das agências de notícias, enviadas via telex, com detalhes sobre os jogos e não apenas os seus resultados, mas

qualquer notícia importante que surgisse durante a jornada, interrompendo as narrações com o cantar do “Galo Informa em caráter extraordinário” aí a prioridade era do estúdio; Além de algumas informações extras que tive a oportunidade de transmitir, as quais não lembro no momento, destaco a acidente com Maisa Matarazzo na Ponte Rio-Niterói, a qual veio a falecer. (PEDROZA, s/d)

Outra inovação criada por Horácio Pedroza nas tardes de domingo da Rádio Poti foi a Loteria Musical, inspirado nos jogos da loteria esportiva e apresentado, a partir do meio-dia, pelo apresentador José Eudo. “As músicas eram distribuídas numa lista de treze pedidas, à moda da Loteria Esportiva só que, ao invés de times, eram músicas divididas em colunas um, do meio e dois. Com isso prendíamos a audiência até o horário da jornada”, recorda Horácio (PEDROZA, s/d). Ele trocou a Poti pela Rádio Trairy, no início dos anos 1980 e, em 1983, criou sua própria equipe Bola de Ouro, na Rádio Rural, em parceria com Ely Moraes, onde formou toda uma geração de cronistas esportivos, cuja Associação presidiu entre 1985-87 e aposentou-se, em seguida. Horácio faleceu aos 80 anos, em julho de 2019.

Apito final: o show já terminou...

Quando se pensa nas rotinas produtivas de um Plantão Esportivo durante as jornadas esportivas, pode-se afirmar que ele é sempre o primeiro a falar e o último a se calar. Outra

⁶ José Lira depois transferiu-se para a Rádio Nordeste e, em 1970, para a Rádio Cabugi/Globo, onde permaneceu até se aposentar, em 2017, após 54 anos ininterruptos no ar.

característica do trabalho dele é o fato de que, enquanto os demais integrantes da equipe esportiva realizam suas rotinas no estádio, o plantão esportivo trabalha nos estúdios da emissora.

O plantão abre a jornada com a expectativa do jogo e segue informando, durante a transmissão. Quando o jogo termina e os profissionais que estão no estádio – narrador, comentaristas e repórteres – encerram seu trabalho, começa a terceira fase do trabalho do plantão: compilar todos os resultados e detalhes das partidas disputadas durante aquela transmissão e apresentá-los até o encerramento da jornada, no mínimo, uma hora depois do apito final do juiz. Em caso de atraso numa partida, prorrogação e disputa de pênaltis ou, dependendo do fuso horário de algum estado onde o jogo está ocorrendo, o plantão esportivo pode permanecer mais tempo no ar.

Por muito tempo, a principal competência de um plantão esportivo era ser capaz de arrancar dos ruídos característicos das transmissões em ondas médias, curtas e tropicais, a informação sobre o gol (quem, onde, como, quando e contra quem) para transmiti-la, em tempo real, ao chamado do narrador com seu bordão: “Fala, Plantão!...” ou “Tem gol pelo Brasil”, entre outros, fazendo a tristeza ou a alegria do ouvinte torcedor. “O plantão é uma espécie de link com o mundo fora das fronteiras de uma jornada esportiva” (PÉRICO, 1999, 23). Com o passar dos anos, muita coisa mudou e o plantão tradicional perdeu espaço nas transmissões contemporâneas.

A evolução tecnológica que aposentou os velhos receptores de rádio e facilitou o trabalho do plantão esportivo em relação ao acesso às informações, feito agora em tempo real, mediante consulta a sites especializados, emissoras de rádio sintonizadas via internet ou pela TV (aberta ou fechada), sem falar nas ligações telefônicas via aplicativos, que estão muito mais acessíveis e mais baratas do que antes, também traçou o destino desses profissionais.

As tradicionais equipes de rádio-escuta que reuniam inúmeros aspirantes a plantão esportivo, praticamente não existem mais. Muitos plantonistas acumulam hoje a função de informar resultados durante a transmissão do jogo com a de operador de mesa de som da emissora, sendo responsável pela sonoplastia que apoia a narração e pelas intervenções, em tempo real, para informar alguma mudança de placar ou encerramento das partidas quando alguma nova informação salta na tela do computador ou da TV ligada dentro do estúdio.

Graças às inovações tecnológicas introduzidas pelo digital, a competência auditiva do plantão para escutar emissoras de fora e obter os resultados dos jogos deixou de ser relevante. Não há mais ruídos nas transmissões e as informações sobre o andamento dos jogos hoje estão

disponíveis para se ver e se ler na tela dos computadores e dos aparelhos de telefonia celular. Pode-se ouvir rádio de qualquer lugar do planeta pelo com telefone ou pelo computador via streaming e até surdo pode fazer o plantão com as facilidades de acesso às informações sobre os jogos expostas nas telas de sites e transmissões de TV, visto que

alguns sites que mostram a evolução do placar de outros jogos e campeonatos on line e, portanto, basta um monitor para que alguém leia na tela o que se passa no mundo as competições. Com a chegada da internet e a convergência das mídias em que temos informações on line até pelo célula, laptops e palms, fica inviável para o plantão ainda continuar com participações para avisar resultados. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p.86)

Pode-se afirmar que a mesma tecnologia que facilitou as rotinas do plantonista, reduziu a relevância de seu trabalho e vem submetendo a função a um processo acelerado de fossilização. Porque, com a informação que antes era exclusiva do plantão e de seus radioescutas, disponibilizada para todos, podendo ser enunciada por qualquer um dos participantes da transmissão esportiva, não existe mais lugar para plantões esportivos nos moldes dos pioneiros Ferreira Lima e Horácio Pedroza, bem como de seus sucessores e alunos. Onde reside, então, o desafio de ser plantão esportivo nos dias atuais?... Uma das poucas certezas que se tem, nesse momento de incertezas, é que nada será como antes.

REFERÊNCIAS

ADAMI, Antonio. **O rádio com sotaque paulista**: Paulicéia radiofônica. Jundiaí: Mérito, 2014.

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006

BRAGA, Gustavo Lisboa. **PRA3**: Rádio Club do Brasil. Juiz de Fora, DI Gráfica Digital, 2002.

BRUCK, Mozahir Salomão. A Copa de 1950 e o futebol acontecimento midiático eletrônico. In: RANGEL, Patrícia e GUERRA, Márcio (org.) **O rádio e as copas do mundo**. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2002. (p. 29-44)

CORDEIRO, Anna Gabriela de Souza. Impacto da guerra no bairro da Ribeira, Natal-RN. in: PEDREIRA, Flávia de Sá (org.). **Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial**. 2ª ed. João Pessoa: Ideia, 2021.

COSTA, Yuri Heisenberg Queiroga de Oliveira. **Jornalismo esportivo?** Uma análise do espaço dado pela Rádio BandNews FM às modalidades esportivas a partir das transmissões ao vivo nos Jogos Olímpicos do Rio. João Pessoa: UFPB, 2016.

DIÁRIO DE NATAL. **A Rádio Poti evolue:** Constantes modificações em todos os setores de atividades. Natal: 6 dezembro 1953 pag. 10.

FARIA, Álvaro Alves de. **Jovem Pan-Sat Ano 2000.** São Paulo: Maltese, 1996

____ - **Jovem Pan:** a voz do rádio. São Paulo: RG Editores, 2002.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio:** teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FERREIRA LIMA, **Primeiro Plantão Esportivo do Rádio Potiguar.** Nas Ondas do Rádio (Informativo Mensal dos Radialistas do Estado do Rio Grande do Norte). Março/1997

FREIRE, Kolberg Luna. **Fala, Ferreira Lima!** Natal: UFRN, 2015

GOMES, Adriano Lopes e RODRIGUES, Edivânia Duarte. **Rádio & memória:** as narrativas orais na reconstituição da história da Rádio Poti. Natal: EDUFRN, 2016 [recurso eletrônico]

LIMA, José Airton de. **A história do Rádio no Rio Grande do Norte.** 1º ed. Natal: Coojornat, 1984.

LIMA, Mirocem Ferreira. **Depoimento.** Natal: 2015

LIMA, Mirocem Ferreira. Natal: **O Poti**, 06.03.2005.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. 1938: A estreia do rádio brasileiro em Copas do Mundo. In: RANGEL, Patrícia e GUERRA, Márcio (org.) **O rádio e as copas do mundo.** Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2002. (p. 15-28)

MURRAY, W. J. **Uma história do futebol.** São Paulo: Hedra, 2000.

PEDROZA, Horácio Alves. **Memórias de um menino da Bica da Telha.** Natal/RN. s/d (inédito)

PÉRICO, Luciano. **Gol!** O plantão esportivo como meio complexo de informação. Monografia. FABICO/UFRGS. Porto Alegre. 1999, 111 p. In: https://www.aminharadio.com/radio/brasil80_plantao4

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil.** São Paulo: Editora da Boa Prosa, 2012.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo.** História da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SARAIVA, Gumercindo. História da radiofonia no Rio G. do Norte. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras.** Natal, v. 30, n. 18, p. 135-140, jan/dez. 1983.

SOARES. Edileuza. **A bola no ar:** o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

SOUSA, Moacir Barbosa. **Do gramofone ao satélite:** evolução do rádio paraibano. João Pessoa: EDUFPB, 2005.

TOTA, Antonio Pedro. **A Locomotiva no ar.** Rádio e modernidade em São Paulo: 1924-1934). São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

